



PEDRO BANDEIRA
Alice no país da mentira

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Francine Jallageas
Coordenação: Maria José Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

✦ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

✦ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

✦ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

✦ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



PEDRO BANDEIRA

Alice no país da mentira

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em Santos, São Paulo, em 1942, Pedro Bandeira mudou-se para a cidade de São Paulo em 1961. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983, tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças, jovens e jovens adultos, reúne contos, poemas e narrativas de diversos gêneros. Entre elas, estão: *Malasaventuras — safadezas do Malasartes*, *O fantástico mistério de Feiurinha*, *O mistério da fábrica de livros*, *Pântano de sangue*, *A droga do amor*, *Agora estou sozinha...*, *A droga da obediência*, *Droga de americana!* e *A marca de uma lágrima*. Recebeu vários prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente

Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A partir de 2009, toda a sua produção literária integra com exclusividade a Biblioteca Pedro Bandeira da Editora Moderna.

RESENHA

Em *Alice no país da mentira*, o leitor vai conhecer a história de uma garotinha animada, muito perguntadeira e cheia de ideias, mas que, quando a trama começa, infelizmente, está muito aborrecida e confusa, pois acabou de descobrir que seu vizinho e melhor amigo, Juninho, contou uma mentira horrível a seu respeito.

Muito triste e surpresa com a calúnia que ouviu da boca de seu amigo mais querido, Alice, que

até aquele dia nem tinha ideia do que queria dizer a palavra “calúnia”, decide refugiar-se no Sótão da Casa da Vovó, um lugar empoeirado, mal iluminado, cheio de móveis e objetos sem uso, mas ideal para, sozinha e em paz, remoer a mentira de Juninho.

Entretanto, como pode imaginar o leitor, remoer uma mentira – ou melhor, uma calúnia! – não é uma tarefa das mais fáceis e, no caso de Alice, se tornará uma grande aventura rumo a um mundo desconhecido e cheio de surpresas e desafios.

Depois de descobrir um grande espelho, mole como gelatina, e um velho baú, cheio de objetos curiosos, como a pimenteira da Cozinha da Duquesa, Alice será transportada, através de um espirro, do velho Sótão da Casa da Vovó para uma altíssima, larguíssima e úmida caverna, iluminada apenas por algumas poucas lanternas.

Nesse estranho lugar, um pouco amedrontador, Alice conhecerá um curioso sujeito, muito mentiroso, chamado Barão de Minch-ráuzen, mais conhecido como Barão Mimi, e, junto dele, descobrirá que, ali naquela terra, todos os seres são, na verdade, mentiras.

Além de levar Alice para conhecer a Lorota, o Mal-Entendido, a Gafe, o Fora, a Fofoca, o Fuxico, a Ficção e toda sorte de mentiras mais ou menos inofensivas, Barão Mimi levará Alice até o Zoológico das Piores Mentiras, lugar onde, enjauladas, vivem as mentiras mais perigosas e temidas, como a Demagogia, a Difamação, a Traição, a Fraude e a mais monstruosa de todas, a Mentira Cabeluda, de quem Alice precisará fugir correndo.

Do Zoológico das Piores Mentiras, de onde, desesperada, mas corajosamente, a menina partirá dando um grande salto em direção ao Espelho do Sótão da casa da Vovó, Alice será transportada para o Outro Lado do País da Mentira, o estranho mundo povoado de verdades de todos os tipos, chamado País da Verdade.

Guiada pelo velho sábio Diógenes de Sínope, mais conhecido como Sábio Didi, Alice conhecerá não apenas as boas e as nobres verdades, tais como a Sinceridade, a Autenticidade, a Exatidão e a Fidelidade, mas também as verdades mais terríveis, como a Delação, a Verdade-nua-e-crua, a Verdade-doa-a-quem-doer e a mais monstruosa de todas, a Verdade Absoluta, de quem Alice também precisará fugir correndo.

Depois de deixar o País da Verdade, Alice encontrará o Castelo da Duquesa e se surpreenderá ao descobrir que não só tudo dentro do castelo é uma enorme cozinha, com vários fogões a lenha, todos acesos e todos cheios de panelas fumegantes, como os pratos que estão sendo preparados dentro das panelas pela Cozinha da Duquesa são nada mais nada menos que: a melhor comida do mundo, a língua, e, a pior comida do mundo, a língua!

A Cozinha da Duquesa deixará com Alice, além de algumas poucas palavras, tão sábias quanto malucas, um delicioso biscoito do Perdão, feito de chocolate com recheio de baunilha. A menina guardará o biscoito para comer junto de Juninho, o amigo que, depois dessa enorme aventura, ela está ansiosa para rever.

Enfim, Alice voltará ao Sótão da Casa da Vovó e dele partirá à procura de Juninho. Agora que compreendeu que as mentiras e as verdades são de muitos tipos e muito relativas, a menina mal pode esperar até rever o grande amigo.

Juntos, Alice e Juninho comerão, cada um, um pedaço do biscoito do Perdão que Alice trouxe da Cozinha da Duquesa e, finalmente reconciliados, voltarão a brincar.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Novela infantil.

Palavras-chave: linguagem, comunicação, perdão, amizade.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Temas transversais: Ética, Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (6^o e 7^o anos do Ensino Fundamental).

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Apresente o título do livro: *Alice no país da mentira*. A seguir, pergunte aos alunos: a leitura do título faz lembrar de alguma outra história ou personagem? O que esse título sugere? Como será que é essa história? Alguém se arrisca a descrever como imagina Alice ou o País da Mentira? É bastante provável que a turma se

recorde rapidamente de *Alice no País das Maravilhas* ou *Alice Através do Espelho*. Nesse caso, estimule a turma a recontar em voz alta, uns aos outros, a história de Alice, personagem de Lewis Carroll.

2. Leia a quarta capa e a seção “Autor e obra” para que os alunos se familiarizem com o livro que vão ler e com seu autor, Pedro Bandeira.

3. Leia o sumário do livro em voz alta e organize um calendário de leitura.

Durante a leitura

1. Sugira aos alunos que, durante a leitura de *Alice no país da mentira*, destaquem no livro todas as espécies de mentira e todas as espécies de verdade que aparecem no livro.

2. Proponha que a turma preste atenção às características de cada um dos personagens e acrescente, a partir dessa observação, novas informações a respeito dos personagens na seção “Apresentação dos personagens”.

Depois da leitura

1. Converse com os alunos a respeito do livro e da experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar fazendo as seguintes perguntas: Quem pode dizer, em poucas palavras, o que acontece na história? Alguém se identificou com Juninho? Qual é o tema do livro? Quais são as conclusões que podemos tirar do final da história?

2. Convide a turma a relembrar algumas das principais características dos personagens do *País da Mentira* e do *País da Verdade*, descritas no livro, sem recorrer ao texto, mas somente observando atentamente as ilustrações. Por exemplo, no *País da Mentira* todo mundo tem nariz grande e pernas curtas. Já no *País da Verdade*, todo mundo tem duas mãos direitas e carrega um guarda-chuva. A seguir, sugira que a turma observe detalhes nas ilustrações que compõem os cenários, caracterizam os personagens ou sugerem eventos que não foram descritos no texto, como: à frente da Mentira de Político, está uma mesa com uma maçã que já levou muitas mordidas, dinheiro e um jarro tombado de onde escorre um líquido verde (página 45); o Sábio Didi aparece provando alguma guloseima na Cozinha da Duquesa (página 96). E, que tal propor aos alunos, enquanto observam

esses detalhes, que imaginem e contem como foi que eles surgiram? Pergunte, por exemplo: Como foi que o Sábio Didi foi parar na Cozinha da Duquesa? Quem comeu a maçã ou derrubou o líquido verde da mesinha à frente da Mentira de Político? Será que é uma maçã envenenada?

3. Retome com a turma a passagem do livro em que um trecho do poema *Autopsicografia*, do poeta português Fernando Pessoa, é citado. A seguir, leia o poema na íntegra aos alunos. Inicie, então, uma conversa a respeito do que a turma compreendeu do poema e das relações que podem estabelecer entre o assunto do poema e o do livro *Alice no país da mentira*.

4. No texto do final do livro, o autor revela uma das fontes de inspiração para a escrita de sua história: *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do Espelho*, de Lewis Carroll. Pergunte aos alunos se eles se lembraram da Alice de Lewis Carroll enquanto liam *Alice no país da mentira*. Quais trechos do livro ou elementos da narrativa de Pedro Bandeira podem ser citados para ilustrar a alusão aos livros de Lewis Carroll? Caso a turma em sua maior parte desconheça a obra de Carroll, sugira aos alunos realizar a leitura dos livros do autor ou assistir a uma das adaptações cinematográficas de *Alice no País das Maravilhas*.

5. Peça aos alunos que pesquisem as palavras “mentira” e “verdade” nos dicionários de língua portuguesa. A seguir, promova um debate com a turma relacionando as definições encontradas nos dicionários com as diversas espécies de mentira e verdade encontradas no livro *Alice no país da mentira*. Observe que, tal como ocorre na narrativa de Pedro Bandeira, as definições de “mentira” estão associadas às ideias de engano, erro, falsidade, invenção, ilusão, ficção e irrealidade e, de modo antagônico, as definições de “verdade” estão associadas às ideias de sinceridade, clareza, exatidão e realidade.

6. O Barão de Münch-ráuzen é um mentiroso compulsivo. O nome do personagem faz referência ao Barão de Munchausen, que se chamava Karl Friedrich Hieronymous Munchausen, viveu entre 1720 e 1797 e notabilizou-se por pontuar as narrativas de suas aventuras com as mais extravagantes mentiras. Rudolph Erich transformou em livro suas histórias. Há várias edições da obra em português. Veja se há algum exemplar na biblioteca escolar e compartilhe com seus alunos.

7. Peça à turma que destaque no texto os elementos que permitem reconhecer quando o Barão de Minch-ráuzen está falando verdade e quando ele está falando mentira. A seguir, proponha que, reunidos em duplas, os alunos contem uns aos outros o que fizeram desde o momento em que acordaram até o instante em que chegaram à sala de aula, obedecendo às regras que orientam a “língua” do Barão. Por exemplo: Hoje eu *não* acordei e *não* escovei os dentes e *não* me penteei e *não* me vesti...

8. Em *Alice no país da mentira*, o grande desafio que se coloca à protagonista, Alice, é reconciliar-se com Juninho e consigo mesma, depois de saber que o menino, que além de seu vizinho é também o seu melhor amigo, disse sobre ela uma mentira horrorosa. Ao final do livro, a dificuldade é superada e Alice consegue perdoar e reconciliar-se consigo mesma e com seu grande amigo. Tendo isso em vista, peça aos alunos que:

a) procurem lembrar-se de um episódio vivido em que experimentaram uma dificuldade semelhante à de Alice e que encontraram uma resolução semelhante à que a personagem encontrou;

b) escrevam um breve texto descrevendo o episódio de dificuldade que experimentaram e explicando o que foi preciso fazer para solucioná-lo;

c) escrevam um breve texto descrevendo o episódio de dificuldade que a protagonista do livro experimentou e o que ela precisou fazer para solucioná-lo;

d) leiam para os demais os textos que produziram e conversem a respeito.

Ao final dessa atividade, encerrando a conversa entre os alunos, chame atenção para alguns aspectos que dizem respeito à compreensão e elaboração de sentidos abertos no interior da narrativa:

a) Ao longo da narrativa, Alice sofre uma transformação. No início da história, ela está triste e aborrecida com Juninho; ao final, ela está em paz consigo mesma e com o amigo.

b) A dificuldade que Alice enfrenta para avaliar o que se passou com Juninho e com ela a partir da mentira dita por ele leva a menina a procurar um espaço e também um tempo para refletir.

c) Alice refugia-se no Sótão da Casa da Vovó e de lá parte para uma longa viagem.

d) O espelho, superfície reflexiva por definição – tal como o pensamento, cuja tarefa, entre outras, é, precisamente, refletir –, é um importante elemento ao longo da narrativa. Ao mesmo tempo que se deforma, como uma gelatina, exibe também uma imagem deformada do mundo, talvez mais fiel aos pensamentos, ao mundo subjetivo de Alice, do que à sua imagem ou aparência.

e) Somente depois de ter cumprido um longo itinerário, Alice consegue voltar ao Sótão da Casa da Vovó e de lá sair para procurar Juninho. Reconciliada consigo mesma, com seus pensamentos e sentimentos, a menina será capaz de perdoar a si mesma e ao amigo.

f) Alice não compreende a mentira de Juninho, com a amplitude e a complexidade necessárias para chegar a perdoar o amigo, a partir de uma perspectiva estritamente moral. Pelo viés da moralidade, estritamente, ela seria levada a avaliar que: mentir é ruim, dizer a verdade é bom. Entretanto, isso não é o suficiente – Alice descobre.

DICAS DE LEITURA

do mesmo autor

Pânico na escola. São Paulo: Moderna.

Brincadeira mortal. São Paulo: Moderna.

O grande desafio. São Paulo: Moderna.

Gente de estimação. São Paulo: Moderna.

do mesmo gênero e assunto

As loucas aventuras do Barão de Munchausen, de Rudolph Erich Raspe, tradução e adaptação de Heloisa Prieto. São Paulo: Salamandra.

Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, tradução de Maria Luiza Newlands Silveira. São Paulo: Salamandra.

Fernando Pessoa – Poemas para crianças, de Fernando Pessoa. São Paulo: Martins Editora.